

## LIVROS

### PARA SEREM LIDOS DEZENAS DE VEZES...

*Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior e Anjo Mutilado, de Marcelo Bortoloti, são leituras imperdíveis*

**CARLOS PERKTOLD**  
**ABCA/MINAS GERAIS**

Em geral, há vários tipos de livros. Há aqueles que lemos numa sentada por causa do fascínio da estória e da narrativa, a prender nossa atenção e nos sentindo incomodados cada vez que somos solicitados a interrompê-los. Há os que são banquetes literários e degustamos cada página como se fosse uma deslumbrante iguaria. Há ainda aqueles que acrescentam algo no nosso humanismo e nunca o esquecemos, e há por último aqueles que suspendemos periodicamente a leitura, mas certos de que a retomaremos pela elegância do inesquecível estilo.

O livro de Itamar Vieira Junior, *Torto Arado*, pertence a todas essas categorias. Ele entra inclusive na lista daqueles poucos livros que merecem e deve ser lido dezenas de vezes. *Torto Arado* é um texto de leitura escorreita, mas difícil de leitura numa sentada porque a ansiedade provocada pela narrativa nos deixa perplexos e desamparados, tão angustiante ela é em várias páginas. Em outras, não é possível continuar sua leitura por que o autor nos nocauteia de emoção. Nessas passagens, é preciso parar um tempo

para nos recompor emocionalmente, não porque estivéssemos perdendo a luta com o narrador em um ring de boxe, mas por reconhecer a maravilha de sua narrativa e precisar de um fôlego pulmonar e cardíaco para continuar.

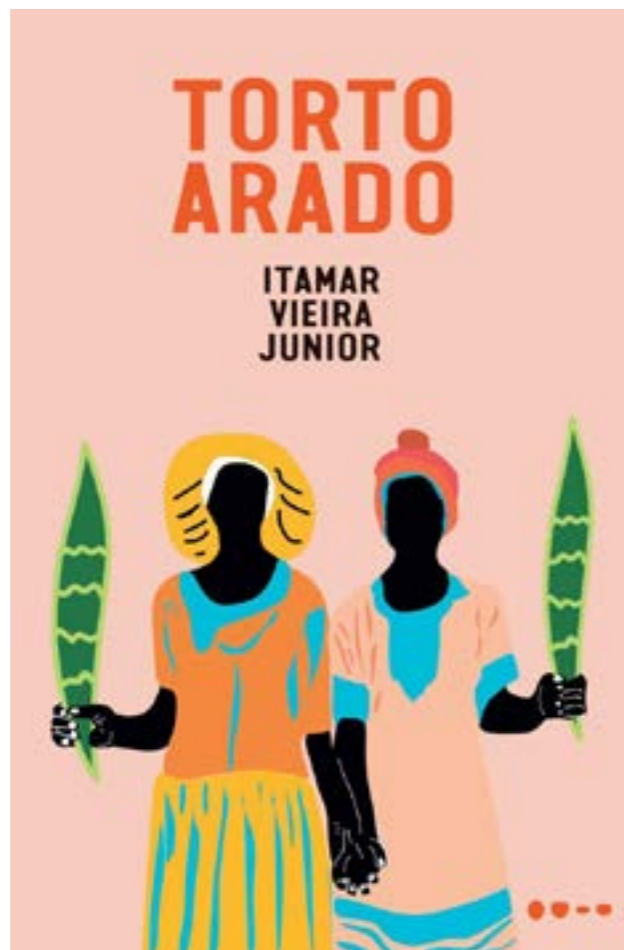
Itamar conta a estória do árduo trabalho escravocrata, junto da miséria, da coragem, da garra, da determinação, da humildade, da humilhação, da fome, tudo isso a formar uma saga biográfica gigantesca de mulheres, filhas e de alguns maridos a formar famílias de agregados a viver e a trabalhar em fazenda no agreste baiano em troca de uma moradia feita de barro e uma pequena roça de subsistência na fazenda do patrão, logo nas primeiras décadas do século 20, a comprovar que a escravidão não acabou em 1888.

Naquela fazenda de um Brasil desumano e cruel não se podia construir moradia sólida, nada de alvenaria por que, apesar de viverem por mais de quarenta anos no lugar, tudo tinha que ser provisório aos olhos do patrão, que ainda tratava seus agregados como se a Lei Áurea jamais tivesse sido promulgada. Na primeira tempestade

todo o esforço da construção da literal caíra corria risco de desabar. Além disso, aquela proibição deixava subjacente o recado patronal de que, se necessário, era e é mais fácil derrubar uma casa de barro e expulsar seus moradores do que uma sólida de tijolos. O livro narra as aventuras e desventuras sobretudo de mulheres guerreiras cujas biografias nos arrepiam de emoção e chega até perto de nossos dias quando a nova geração de filhos e netos começa a se organizar em sindicatos, reivindicando salários e justiça social.

Premiado três vezes - Jabuti, Oceanos e Leya - eles foram mais que merecidos. Os prêmios demonstram que nosso acervo de escritores ainda pouco conhecido é enorme e a cada ano surge um novo a nos surpreender pela qualidade literária.

Anotem esse nome: Itamar Vieira Junior. Se seus próximos livros forem da mesma qualidade que *Torto Arado*, estamos diante de um dos maiores escritores do século 21.



*Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, Editora Todavia, 264 páginas. Preço: R\$ 57,90



## UM RETRATO DE GUIGNARD

O quadro que ilustra esta matéria encantou tanto Helena da Silva Azevedo, viúva de Santiago Americano Freire, casal com quem Guignard viveu durante sete anos em Belo Horizonte, que ela declarou no verso “este deslumbrante auto retrato (sic) é de autoria de Alberto da Veiga Guignard”. Por certo, o que ela quis dizer com “deslumbrante” é sua representação como uma autobiografia escrita com óleo e pincel de um artista que havia passado por uma infância duplamente difícil por causa das dificuldades do lábio leporino e de suas consequências desastrosas na ânsia de alimentação, assim como uma vida burguesa, cheia de recursos financeiros da mãe que, além de receber alto valor de seguro de vida com o suicídio do marido, herdou prédios bem alugados no Centro do Rio de Janeiro, em plena Rua Lavradio. A renda desses aluguéis forneceu à família recursos para viver com riqueza, classe e elegância, luxo e despreocupação durante anos na Europa. O dinheiro era suficiente para a mãe morar com os dois filhos e o desocupado barão em hotéis cinco estrelas sem que ela ou aquele precisasse trabalhar para viver, algo que agradava muito o nobre e novo marido. Com a moeda brasileira então valorizada em relação às europeias, eles viajaram pelo continente, mesmo durante e depois da I Grande Guerra. A vida de rico ainda duraria alguns anos, mesmo depois que o artista voltou para o Brasil definitivamente em 1929.

É essa herança burguesa que produziu a ausência de preocupação de justiça social nas telas de Guignard, ao

contrário de seus colegas de paleta Portinari, Sigaud ou Di Cavalcanti, Graciano e outros. O máximo que Guignard conseguiu demonstrar de inquietação social foi a fase chamada de “Nacionalismo Lírico” representado pela série de pinturas a conter a família do fuzileiro naval.

Se as dificuldades de baixas estratificações sociais não estavam impregnadas em sua alma de artista, ele conheceu a sua própria, acrescida do desamparado e do desinteresse do grande público depois que chegou a Belo Horizonte para fundar escola que leva seu nome. Aqui, a cidade era pequena demais para se preocupar com desejo que a arte representa. A provinciana cidade de então vivia em estado de necessidade com a população preocupada em ganhar a vida e estava a engatinhar como nova capital. Guignard teve prestígio artístico entre seus vários alunos, certos de que tratavam com professor e artista generoso.

Este autorretrato mostra um homem marcado pelos tempos difíceis dos últimos anos de vida, mais envelhecido

que sua idade cronológica, olhar de quem pede mais compreensão e menos abandono, mas ainda cheio de alegria e gratidão pela Ouro Preto que ele amou e imortalizou ao pintá-la ao fundo do quadro como uma ode às cores, à delicadeza dos traços com pincel fino de quem é hábil desenhista e ainda as suas marcas registradas de lindas igrejas barrocas que estão naquela cidade, provando que ele tinha razão em se apaixonar pela velha Vila Rica.

Puro e ingênuo, inábil para a vida de negócios, o artista criou peças lindas e algumas vezes valorizadas por colecionadores amigos. Houve época na qual ele ganhava e gastava desordenadamente. Mais tarde, quando a falta de dinheiro era grande, fez escambo com suas obras. O resultado em longo prazo de uma vida de tanta angústia produziu um ser humano perplexo, alcoólatra, diabético, carente, dependente de poucos admiradores e algumas famílias amigas do peito. Sua vida poderia ter se estendido por mais dez ou vinte anos se não fosse o acúmulo de diagnósticos. Desejo por arte em Belo Horizonte

estava em apenas algumas pessoas e longe do grande público. Demoramos demais para sair daquela situação e passar a compreender a beleza de seus trabalhos, algo que ele deixou registrado ao declarar que somente o compreenderiam e o valorizaria após cem anos de sua morte. Errou parcialmente por que houve sucesso no final de seus anos de vida e que se estenderão pelos séculos vindouros, mas foram pouquíssimos tempo e saúde para garantir-lhe uma existência menos sofrida, menos alcóolica, menos angustiada, menos doenças além do lábio leporino e prazo de vida maior que seus 66 anos. “Compre ele, é muito bonito” dizia Guignard aos poucos colegas de copo em bares, mostrando suas obras.

Por tudo isso, este autorretrato traz condensado na tela aquilo que se tornou uma biografia do novo livro de Márcio Bartoloti, “Anjo Mutilado” (Companhia das Letras), título e opinião de Manuel Bandeira sobre o artista e resgatado pelo autor, biografia diluída em 470 páginas de pesquisas exaustivas que incluem detalhes inimagináveis esquadrihadas

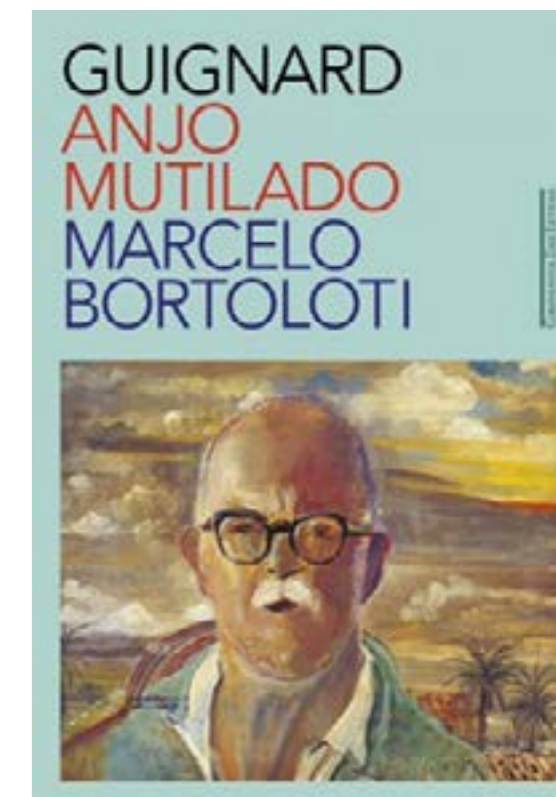
em escolas de ensino elementar em Munique, antigas residências da família, informações biográficas sobre o detestado padraço, registro de imóveis de propriedade do artista em sociedade com o padraço na França e notícias de permanências em Florença e Paris, e até detalhes minuciosos como na página 97, na qual Bortoloti informa que

“...os católicos colocavam seus filhos no Colégio Saint-Vicent... Os não adeptos desse tipo de educação escolhiam o Colégio Jules-Ferry, instituição pública cujo nome era uma homenagem ao antigo ministro da educação francês, um maçom anticlerical que dissolveu a ordem dos jesuítas e instituiu a escola laica na França no final do século anterior”.

Quem senão um pesquisador preocupado com mínimos detalhes registraria informação como essa? Ela é apenas uma entre centenas que deixam o leitor encantado pelo resultado, que deve ser lido e relido como um belo romance.

É lamentável que dona Helena Azevedo tenha falecido na segunda feira de carnaval de 2016 e seu marido muito antes. Por certo, ela relataria fatos memoráveis vividos pelos três no período de sete anos nos quais viveram na mesma casa na Rua Palmira em Belo Horizonte, incluindo o relato da célebre e dispendiosa viagem à Europa em 1961. Por falta de alguém que relatasse esse período e defendesse o casal, sempre acusado injustamente de explorar o artista, esses anos são um vazio na nova biografia.

Há alguns anos publiquei um ensaio “O Sonhador de Ouro Preto” no qual declarei que Alberto da Veiga Guignard era o primeiro verso de uma saga não escrita. Não é mais. Ela foi brilhantemente pesquisada, redigida e publicada por Marcelo Bortoloti e cujo leitor, apaixonado pelo artista, não pode perder.



Anjo Mutilado, de Marcelo Bortoloti, Editora Companhia das Letras, 488 páginas. Preço:R\$ 109,90.